

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RAUL POMPEIA

Carta
ao autor
DAS
"FESTAS NACIONAES"

CARTA AO AUTOR DAS FESTAS NACIONAES

RAUL POMPEIA

CARTA AO AUTOR

DAS

FESTAS NACIONAES



RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua do Ouvidor 31

—
1893

Meu caro Rodrigo Octavio.

Applaudo de toda a alma o seu brilhante volume das *Festas Nacionaes*, do qual me quiz dar a honra de ser o primeiro leitor.

Applaudo-o como obra litteraria, admirando a fluencia dessas paginas ao mesmo tempo vigorosas e despretenhosas; applaudo-o principalmente como obra de patriotismo.

Das festas mais geralmente sociolaticas, consagradas aos grandes acontecimentos do progresso humano, occupa-se V. com a necessaria elevação e estudioso cuidado.

Mas, onde o seu sympathico trabalho realmente avulta, é no que se refere em particular á evolução da nossa grandeza nacional.

A este respeito é verdadeiramente mais do que um livro: é um acto de coragem.

No meio desta immensidade vacua de mistificações ou dissimulações que é o ambiente normal da nossa critica de historia e costumes sociaes, onde a agitação logomachica dos gritadores acha modo de dizer menos, mil vezes menos do que o silencio para o esclarecimento da consciencia

publica opprimida, onde o advento da verdade é tão commumente e tão lastimavelmente tolhido pela mercancia productiva do civismo, pela prostituição bem paga dos generosos impulsos da alma patriótica, no meio deste aspero deserto de corrupção e de hypocrisia que se chama entre nós a Opinião e em que se perde, se desespera e succumbe a sinceridade, fatigada de isolamento, vencida de abandono, torturada de hostilidades que se não definem bem, que fluctuão impalpaveis, innominaveis, mortíferas entretanto á maneira exactamente da luz envenenada da athmosphera poeira e fogo das planuras aridas dos continentes malditos, palavras de audacia, de espontaneidade sadia e integra quaes no seu epitome de narrativa e commentarios se destacão, são como uma apparição consoladora de oasis.

O coração repousa um pouco ahi, do infundavel prazo de axphixia que faz o regimen obrigado do amor da patria no Brazil.

Com a serena singeleza honesta do seu caracter, V. vae semeando descuidosamente proposições vingadoras... Os nossos mais graves pensadores de sociologia emmudecem confundidos e hesitantes em frente aos problemas. E' o facto que todas as nossas discussões de critica social, todas, sem excepção de uma só, desde que ha o raro animo

de indagar um pouco, vão invariavelmente esbarrar a uma interrogação ; quando não retrocedem entre sarcásticas e acovardadas pela curva de uma reticencia. O mysterio perenne é a nossa economia politica. A sphyngue impenetravel e parva é o symbolo desanimador da nossa psychologia de povo... O seu despretençioso livrò das festas, sem cuidar dos riscos com que se deixão aterrorisar os nossos perpetuamente constrangidos e perpetuamente interdictos analyistas de historia e economia politica, vae direito ao amago das difficuldades. Venhão d'ahi as consequencias que vierem ! affronta o rebelde segredo : visita de perto a obscura sphyngue impressionante ; e para que se conheça bem, bate-lhe no bojo... E' de papellão afinal de contas este animal sagrado da religião de temor que nos obseda !

Destampa-se o enigma com um piparote !

Dá-se uma cousa extranha com estas *Festas Nacionaes*.

Despertada pelo titulo, vae-se-nos a imaginação figurando perspectivas ridentes de tropheus e corôas. Festas nacionaes... Sonha-se uma jornada de triumphos, descripta n'um hymno ovante. Espera-se a historia da consolidação cada vez mais firme de uma nacionalidade.

O volver das paginas vem-nos apear logo destas phantasias. Não resplende jámais nesses capitulos a luz ampla de uma conquista definitiva : vacilla a indecisão de um difficil crepusculo. .

O compendio dos nossos suppostos regosijos patrioticos não nos traz a exposição de uma serie de alcançes conseguidos. Vamos ao contrario por uma escala de derrotas. O quadro historico é constantemente a cruel affirmação da patria vencida. A alma nacionalsegue soffrendo dia a dia, o supplicio de todas as dôres. Sentem-se as ladeiras pedregosas do Calvario, no itinerario dos seus destinos... A proposito de jubilos, como que nos diz que somos uma nação — prohibida de ter jubilos...

Só nos referimos ás festas especialmente brasileiras.

— *21 de Abril* é o Brasil suppliciado e amaldiçoado com Tiradentes. « O crime, porem, a traição mais negra transformou a aurora que surgia rosea nas almas dos primeiros brasileiros em uma luz vespertina, que foi terminar na noute sem estrellas do cadafalso e do desterro. A revolução, que na Europa e ao norte do Novo Mundo, se abria no dia esplendido da liberdade triumphante, no canto Sul do nosso continente, no meio das liberrimas florestas virgens e dos rios indomaveis, não foi mais que a victoria da tyrannia, finali-

sando na dispersão criminosa dos patriotas e no sacrificio de um justo. (pg. 225.)

— *7 de Setembro* é o sophysma da nossa libertação, pela astucia baixa e simples de um autocrata grosseiro. Depois do episodio do Ypiranga, que a intenção patriotica transformou difficilmente para crystallisar em legenda, a *Independencia* desmascara-se em pouco: « veio a dissolução caprichosa e violenta da Constituinte ; veio a clausula secreta do tractado com Portugal de 29 de Agosto de 1825, pela qual nos obrigamos a pagar, e effectivamente pagamos 1.400.000 £, importancia de um emprestimo que Portugal contrahira com a Inglaterra em 1823, com o fim ostensivo de oppor-se á nossa independencia e mais ao Rei D. João VI, 600.000 £ de indemnisação de um palacio e outros predios do Rio de Janeiro, que, apezar de serem proprios nacionaes, forão considerados bens particulares ; veio a dominação portugueza sem reboço ; veio a tyraunia que fazia saudades dos tempos coloniaes ; veio, em uma palavra, o absolutismo de um principe autoritario, violento e dissoluto.» (pags. 177 e 178). E vem a immolação dos involvidaveis martyres do brio civico ; vem o sangue de Frei Caneca, de Agostinho Bezerra Cavalcante, de O. Martins Pereira, de Antonio Macario de Moraes, de Tristão Araripe, de Miguel Ibiapina, do

Padre Albuquerque Mossoró, vem o sangue de João Guilherme Ratcliff, de João Metrowich e Silva Loureiro, vem o sangue dos numerosos patriotas massacrados nas revoluções do primeiro reinado, vem todo o sangue em que se afogárão as velhas aspirações republicanas — vasta paysagem de agonias.

E *13 de Maio*, sobre cujas consequencias actuaes o livro não quer insistir, é ainda o Brasil vencido. Desta vez ao menos em nome de sagrados principios de justiça; mas tão effizamente conduzido a termo, porque se tractava de ferir de morte a classe nacional mais poderosa, aliás atraçoada de antemão pelos nossos primeiros civilisadores (?) com a instituição de um regimen torpe de trabalho.

E *15 de Novembro* e a data complementar de *24 de Fevereiro*, que só se estudão em seus antecedentes no passado, as transidas amarguras que caracterisão a hora presente, não nos garantem definitivamente como fastos de gloria consummada.

Taes são as festas nacionaes do nosso povo. Taes são os themas problematicos de gala que este livro reune e explica.

Mas, porque perfeitamente deixa sentir a contradição fundamental das nossas glorias, a contingencia tragica dos fastos da nossa grandeza patria ;

porque encerra o defeito singular de ser geralmente sombrio, quando devia irradiar triumphalmente, compendiando motivos antes de meditação ressentida, de pungentes anagogias de revolta, do que expansões jubilosas, apesar de que é um livro de festas ; porque tão fielmente accentua, aliás sem a preocupação de o fazer, a situação excepcional do patriotismo brasileiro, não conheço obra de historia nossa que valha uma linha dessas paginas.

Os hosannas hypocritas são banidos, preterem-se os euphemismos de van ufanía pela exposição crúa da verdade ; mas, firmando um pouco mais attenção, sente-se agitar na alma desses capitulos, alguma cousa que vale bem todo o auzente jubilo.

Ao fundo de cada magua, assim como de um utero dolorido brota a vida pujante, sente-se germinar uma esperanza, esperanza confiada e energica. Não desabrocha nunca a alegria victoriosa do exito : mas deixa-se perceber que vamos a bom caminho...

O sentido festivo do titulo, a razão de ser da consagração a titulo de festas, das nossas grandes datas, pode-se interpretar em que ha alguma cousa de animador na serie dos desastres : a jornada é de espinhos, mas vamos gradualmente subindo ; na successão das gloriosas derrotas, vamos sendo cada vez menos derrotados...

E uma victoria final, uma apotheose de redempção como que se annuncia pelo ecoar distante dos seus canticos, pela refração ao alto dos seus esplendores : respira-se na pallida penumbra um pouco do bem estar da alvorada, que nos faz pregozar o dia antes do dia.

A enfermidade social que nos afflige vem descripta nos seus symptomas consternadores — dahí a feição geral sombria da obra ; mas em compensação a diagnose precisada resolutamente não falta. E o renascimento da vida está quasi garantido, para conforto do animo, quando se tem surpreendido e assim se affirma a explicação pathogenica do mal.

« A monarchia foi obra de José Bonifacio ; mas a implantação do absolutismo que nos governou e do *predomínio do partido portuguez, que ainda nos perturba, e que em sua evolução historica atravessou o Imperio em todas as vicissitudes e contingencias, sempre reaccionario, em luta aberta contra as aspirações nativistas, os desejos de progresso e de liberdade do povo*, foi obra de José Clemente Pereira. (pag. 125)

Ahi vai a cruel verdade, a sempre calada verdade.

O facto é que vamos evoluindo apenas difficulosamente, por um longo periodo de gestação historica.

Todo esse sangue que avermelha as mais soberbas paginas da historia patria, toda essa turba dolorosa de phantasmas que povoão o pantheon das nossas mais bellas legendas patrioticas, nada mais são do que elementos do drama moroso da nossa libertação — ainda sem desenlace.

A historia toda do heroismo brasileiro, a tradição dos martyrios é a convulsão precursora de um difficil advento. E esta lucta ainda hoje se prolonga.

A magnanima Revolução de Novembro, (um portuguez a devia insultar, a pretexto de fazer o quadro social desse grande acontecimento) que se poderia suppor a definitiva erupção — é ainda e é apenas um esforço mais.

O dia 15 é um incalculavel passo de progresso: synthetisa todos os impetos de vitalidade historica do nosso passado; resume n'uma só tormenta demolidora todas as dispersas auras de esperanza que um dia respirarão os mais dilectos filhos desta terra. Mas ainda assim não passa de um movimento de concentração estrategica. A grande duvida de todos os tempos, sob o aspecto de embaraços politicos ou de difficuldades

economicas, ainda ahi está a encher a scena da existencia nacional.

Protheu terrivel de mil disfarces, sob a mascara traiçoeira dos mais varios expedientes, precipitando um tumulto de incoherencias, de attitudes absurdas, de resistencias inexplicaveis, de aggressões mysteriosas, systematisando um formidavel anonymato de esquivas guerrilhas, que á primeira critica parecem a anarchia fortuita, o grande inimigo historico, o problema colonial, continua contra nós o seu trabalho maldito de obstrucção e de vexame.

Dois unicos partidos em guerra de morte, invadem hoje o campo politico. Complicado de incidentes minimos de personalidades, só entre dous adversarios se trava realmente o conflicto da politica brasileira — o partido da emancipação e o partido da colonia.

Ainda se esgrimem no formidavel duello secular os mesmos adversarios de 1822.

Pouco representando os individuos pessoalmente na desordem do turbilhão que nos arrebatou; a lucta social em que cada cidadão na actualidade toma parte mais ou menos conscientemente, empenha-se entre as grandes sombras symbolicas, meu amigo, que o seu livro delinea : José Bonifacio — a patria nova, e José Clemente Pereira — a servidão colonial.

Foi o crime do segundo reinado que contra a nossa historica **miseria** não promoveu a minima tentativa. Pelo contrario. Nós fomos colonia... cada vez mais sob D. Pedro, o derradeiro.

Cincoenta annos teve esse monarcha para construir e fortalecer a vitalidade do civismo brasileiro. Forão cincoenta annos de inercia e de abandono... E este será o grande libello perante a Historia honesta e exacta, da inepecia benigna do segundo reinado.

Obsecado pela preocupação de parecer bem á Europa, o confrade de Victor Hugo e de Lesseps, voltou perpetuamente as costas á patria. Alcançava a ordem e a tranquillidade a preço de passividades, resignações, corrupções. Accresceu somente a herança de vexames a que quasi succumbimos agora.

Principe de uma dymnastia europea, forte apenas pela tradicção estrangeira da sua corôa, suspeito naturalmente da insubmissão caracteristica da humanidade na America, o seu grande empreendimento de todos os dias foi a obra negativa da annullação do character nacional.

Emquanto tenteava em proveito do throno a negação perenne do seu abolicionismo platonico para dominar a classe dos agricultores, teve o cuidado de impedir o advento a outras classes onde podia medrar a insubordinação perigosa. Para isso per-

mittiu e animou habilmente (e commodamente, porque ia descansando em bellas phrases de cosmopolitismo generoso) a organização absolutamente constituida de estrangeiros do commercio e da industria. O estrangeiro, sem zelos de patria, seria pelo throno, por amor do monopolio das especulações mercantis, assim como o fazendeiro era pelo throno, por amor da manutenção do trabalho servil.

Segundo o seu systema, o brasileiro, com excepção do proprietario rural, tinha de ser apenas o parasita involuntario do functionalismo, ou o soldado, sob a prevenção efficaz da chibata. As carreiras de futuro pela especulação e pela industria, que cream o povo forte e independente, forão reservadas aos hospedes da terra, aos extranhos do patriotismo, sem os onus da qualidade de cidadão, que ao cabo de quarenta annos de residencia entre nós, sabedores do que isto lhes rende, ainda nos dizem, encolhendo santamente os hombros, *sou estrangeiro...* Comprou a tão preconizada paz do seu reinado, hypothecando imperdoavelmente o futuro da patria, vendendo-nos dia a dia, pelo preço dos *deficits* que os financeiros da republica sommão agora com pavor, aos dous senhores outr'ora desta terra — o Escravocrata e o Portuguez. (*)

(*) Eis o que nos escrevia um profundo observador de assumptos brasileiros, a proposito do caso significativo da bandeira na rua da Assembléa:

Enganava-se, felizmente, pensando que, com a gravata de couro do uniforme militar, conseguiria estrangular a ultima esperança do pundonor e do brio deste povo.

Arredado do contagio de gangrena do mercantilismo estrangeiro, do cosmopolitismo dissolvente e desmoralizador da grande multidão, pensativo junto da nossa bandeira, o soldado, tradição da virilidade do povo, responsabilidade historica perante o futuro, vivia sempre e estava alerta.

Mas, nem por isso temos ainda triumphado. Mesmo por isso, é preciso cada vez mais — contemplar a realidade.

Porque ensaiou a redempção do povo brasi-

« Por occasião da insensata formação das companhias e sociedades industriais, os portuguezes mostrar o a sua força. Se se fizer a somma das fortunas creadas subitamente vêr-se-ha que os antigos senhores do Brasil embolsarão a maior parte dos lucros, deixando aos bras leiros apenas uma situação cheia de difficuldades. Faça-se uma estatistica do pessoal dirigente dos estabelecimentos de credito, industrias e commerciantes da capital e vêr-se-ha claramente a parte dos brasileiros, a dos portuguezes e a das outras nacionalidades. A crise portugueza ninguem ignora que foi provocada pela parada subita da remessas pecuniarias á mãe patria da parte dos caros filhos emigrados para o Brasil. É isto ainda uma prova de que a politica imperial brasileira era no fundo — portugueza — e cuidava pouco de emancipar o Brasil da tutela financeira, industrial e commercial dos portuguezes. Depois de taes precedentes não são de admirar as aspirações monarchicas dos portuguezes — depositos do poder colonial, não a 7 de Setembro de 1822, mas simplesmente depois do dia 15 de Novembro de 1889, com quanto depois desta data o governo republicano não tenha ainda determinado a politica a seguir a respeito. Entretanto, este programma torna-se uma necessidade cada vez mais urgente, por causa da educação primitiva do pessoal portuguez do commercio, introduzido em geral jovem, habituado a certas maneiras excessivamente sem ceremonias, *ad instar* dos mercadores de feira, podendo chegar assim, com a idade, a uma especie perigosa de aprumo. A taes tendencias é habitos de desembaraçada especulação, que a sociedade brasileira tolera, não são extranhas as interpretações phantasticas das leis e regulamentos relativos ás sociedades anonymas. »

leiro, porque ousou dar rebate na hora mais grave da dissolução, o elemento militar, glorioso núcleo do nacionalismo brasileiro, vê-se como é hoje o condenado. Contra elle colligão-se as calumnias, conspirão as murmurações, adiantão-se as infernaes intrigas. Do soldado, a grande arma do destino providencial que nos ampara, quer-se fazer exactamente pela confusão traiçoeira o instrumento da nossa ruina total.

Cada vez mais é preciso, por amor da patria, a vigilancia esclarecida do soldado e do povo.

Não temos hoje outra questão a liquidar. As prevenções minimas de personalidades e principios academicos, têm de ceder logar ao serio interesse historico.

Fortalecida pela inadvertencia do segundo reinado, alarmada pelo acontecimento de Novembro, a organização reaccionaria agita-se agora simplesmente mais do que nunca, contra a paz, contra a prosperidade serena da patria.

A opposição existe tremenda. Donde ella vem? Ninguém o diz. Este mysterio é revelação. A força que reage contra a Republica, contra o Brasil, o inimigo da sombra que não se póde surpreliender e que autorisa o escarneo ameaçador dos despeitados do velho regimen, é sómente o remorso social da culpa do segundo reinado que nos

remorde, é a obstrucção recolonizadora campeando ainda, e forte mais do que nunca dos recursos que lhe emprestou a especulação monarchica ou a cega e pusilanime incuria do passado.

A definição economica desta desordem é que o sophisma da nossa independencia, que não anniquilou a influencia dos antigos metropolitanos, aggravado pela incuria calculada do segundo reinado, constituiu-nos povo *sem classes conservadoras*.

E' um phenomeno curioso de teratologia economica. A classe dos proprietarios ruraes, unicos conservadores possiveis brasileiros, não tardou em se confundir na ordem de interesses do commercio, dominada pelo negociante astuto, fornecedor e commissario. Além destes, o commercio e a industria, centros de egoismo vital em todas as nacionalidades, sendo entre nós e permanecendo exclusivamente representados por estrangeiros, população nomade de ganhadores, exportadores perpetuos de dinheiro, jámais capitalizando entre nós os lucros de suas especulações, nem sequer por meio de edificações decentes de residencia, porque as populações nomades, dispostas a bivaçar, nunca forão fortes em architectura, achou-se a pa-

tria brasileira ao desamparo do mais valente estímulo patriótico, o patriotismo melindroso das classes ricas. Essa vigilância inilludível dos que mais tem o que perder, mal existe entre nós, pelo menos nos grandes nucleos influentes da actividade economica.

Os grandes centros sensorios do nosso organismo de interesses estão em Londres ou em Lisboa. Ausentes de nós, portanto. Somos assim em economia politica uns miserandos desvertebrados. Esta singular lesão evidencia-se bem por symptomas dispersos de incoordenação morbida em nossa vida social. Por ella se explica a paciência com que os nossos pretensos conservadores aturáráo *bestializados* durante todo o segundo reinado o regimen mortal dos *deficits* financeiros, que não podia, sem duvida, levantar a revolta das massas liberaes, apenas mediatamente informadas desse descalabro: mas que devia necessariamente insurgir a irritabilidade reflexa ao menos do conservatismo. Por ella se explicaria a possibilidade (simultaneamente com a lastima symétrica de não termos jornalismo verdadeiramente popular para clamar contra os esbulhos da carestia) de se transformar extranhamente a imprensa representante dos mais graves instinctos conservadores em pamphleto formidavel de demolição a todo transe. Por ella se explica a cam-

panha perpetuamente instituida na opinião publica em nome de fórmulas vans de liberalismo, contra as medidas, os recursos, as precauções energicas que têm feito a salvação economica e financeira de outros estados.

E se explica a enorme e poderosa opinião financeira favoravel ao Empréstimo externo, que está de alcateia para devorar a Republica, como devorou o Imperio.

A definição politica da situação é que existe no Brasil *um poderoso eleitorado sem voto*, dominando o jornalismo das capitaes, riquissimo, numeroso, intelligente, activo como ensina a pratica do commercio, capaz de mover um mundo de manifestações politicas, a que não carece comparecer visivelmente, podendo mesmo nutrir de sua gorda algibeira arruaças e motins, capaz de neutralisar, de paralizar, de supprimir, de matar pela fadiga a administração publica, desde que esta lhe seja molesta, formidavel, em summa, como depositario e possuidor da melhor parte da fortuna particular, intervindo profundamente na direcção dos negocios publicos, e podendo aliás eximir-se de todos os compromissos correlativos repentinamente por traz da porta de um consulado — partido forte, portanto e partido enorme — *de conservadores* — que não conservão absolutamente para o Brasil.

E' isto o sebastianismo que se sente sem ver jámais. E' isto a aversão á Republica, porque a Republica intenta ser a emancipação nacional. E' isto a aversão ao soldado, porque o soldado fez a Republica. E' isto o pacto da fome, porque pela fome se desacredita a politica dominante. E' isto a campanha de descredito pelas tavernas que Ruy Barbosa denunciava no senado. São esses *conservadores* a opposição á guarda nacional, porque a milicia civica é a escola inconveniente da disciplina e do brio da força publica. São elles a conspiração permanente contra o advento na burguesia do proletariado nacional, perpetuamente repellido das carreiras de futuro. São elles, unidos fortemente, (alem da solidariedade natural das grandes classes, que formão) em seus clubs, centros, irmandades, associações, de fins de beneficencia, de educação popular, de religião, de auxilio mutuo, de commemorações patrioticas (da patria delles), de aproximação dos interesses desta ou daquella especialidade de negocio, até de alegria e folgança carnavalesca, que, segundo as tradições da prepotencia colonial, mantêm a grève perpetua, a perpetua machinação surda e inexoravel de obstrucção ás impaciencias mais pretenciosas do nosso *home-rule*.

Durante dezenas de annos, com seus prestitos de bambochata carnavalesca, *aggravarão*, apesar de

estrangeiros, o poder publico brasileiro do tempo do Imperio (aliás a elles propicio) não poupando o que de mais respeitavel podia haver — impunemente: e ainda mais, conseguindo para annunciar o triumpho completo da affronta a guarda de honra dos clarins do nosso exercito.... E apesar de que o Brasil lhes vae dando os milhões de libras que exportão, affectão sobranceiramente o desdem por tudo que a este paiz pertence, não cedendo uma mⁱgalha do fructo dos seus rendosos monopolios para a creação de uma instituição de caridade, que não seja caridade para os seus, para um unico impulso de civilisação no ramo das artes, da litteratura ou da sciencia, e nos arranjam ainda o labéo de povo indifferente, com o spectaculo que perpetuamente ostentão de sua longinqua indifferença pelos nossos mais nobres motivos de orgulho nacional.

Festejadores de Camões e do Marquez de Pombal, promptos a consagrar fortuna e esforço pessoal por gloria de um estandarte de entrudo, não lhes merece o pobre nome brasileiro uma homenagem — senão que agora sob a Republica desfraldão pavilhões desordeiros do regimen vencido á frente dos seus negocios.

São elles os mantenedores do preconceito de côr, que o brasileiro desconhece, porque este preconceito é uma arma de sua sorrateira politica de

demolir. São elles os grandes adversarios da estatística entre o povo, porque a estatística seria a afirmação do quanto nos explorão e tambem do que podemos valer. São elles os inventores e propaladores da theoria corrente e funesta de que commercio não tem patriotismo, porque o commercio delles não quer ver patria aqui. São elles os inspiradores do negativismo de descrença que é a psychologia de grande numero de nossos politicos e alguns desgraçadamente de certo vulto. Foi o voto reaccionario desse mesmo partido sem voto, que levantou a Associação Commercial contra a evolução abolicionista, com o protesto de adhesão á resistencia Cotegipe. Foi o voto desse mesmo partido que alvoroçou ainda a Associação Commercial contra a propaganda republicana, com a proposta da estatua ao Visconde de Ouro Preto. E' o voto desse partido a explicação de todos os estranhos disequilibrios de nossa vida politica, dessas, mysteriosas e incomprehensíveis resistencias, difficuldades enormes; formidáveis, invencíveis ás vezes, e que, a não ser em seus effeitos, se nos affigirão imaginações de pesadello sem origem.

E' a intervenção inconfessada desse partido, em apparencia neutro, o grande obstaculo da organização republicana; e que tem levado ao desespero e á morte Benjamim Constant e Deodoro da Fon-

seca; e que, dominando inteiramente dos pontos estrategicos da centralisação politica e commercial, qual entre nós existe, dominando inteiramente o paiz, alimenta ainda agora pela desordem economica, pelo desenfreado furor de ganho, a inquietação popular, que agora ainda nos cansa como uma febre.

E' principalmente a acção deste partido a enfermidade do civismo brasileiro, que convida a petulancia de outras hostilidades mais positivamente internacionaes, e que os nossos cégos analysts de sociologia preferem investigar em rebuscadas metaphysicas deprimentes do character nacional — quando podião reconhecer a realidade patente e simples.

V. lealmente a denuncia, meu amigo, a triste realidade, indirectamente ao correr das paginas, das *Festas Nacionaes*, ou frente a frente, quando opportunamente é preciso. E a denuncia com um desassombro que anima, com a serenidade que desdenha...

Transformar essa perversão morbida do nosso organismo social, remir o defeito institucional da nossa economia politica, dar batalha definitiva ao ruinoso conservatismo estrangeiro que nos ex-

plora, corrigir particularmente a bem da nossa dignidade de povo o predomínio colonial do português, mover a construção do Partido Conservador Brasileiro, rectificar a mira dos nossos esforços políticos pela tradição gloriosa dos nossos grandes predecessores — todo este ingente empenho viria a ser na realidade tarefa minima para um levantamento convicto do patriotismo esclarecido.

Eu quizera que fosse nesse sentido o seu nobre livro uma chamada ás armas, fosse, por ultimar quanto antes as angustias em que o Brasil se exaure, o signal de um grande movimento, escola e guia aos ardores da mocidade, lição e aviso salutar ás consciencias honestas, extraviadas e trahidas. Tivemos um dia a revolução em nome da dignidade humana. Tivemos a revolução da dignidade politica. E' preciso que não tarde a terceira revolução: a revolução da dignidade economica; depois da qual sómente poder-se-ha dizer que existe a Nação Brasileira.

As nações não vivem de ter o nome sobre o mappa. E' preciso que a realidade se realise.

Eu desejava, ardentemente, meu amigo, que o seu livro, onde existe o fremito de tanta espontaneidade generosa, o seu livro que tão pungentemente estampa em gravura de sangue a imagem atormentada da Patria e que tanto espera, não

obstante, o seu honrado e raro compendio de civismo e de historia, marcasse o primeiro golpe ao ultimo combate da nossa emancipação; accendesse nos corações para o protesto vencedor a flamma do odio vivificante. Do odio em nome do Brasil: não do odio mau que offende e victima — do odio que reage, do odio que reivindica, do odio que redime, do odio pela Justiça, do odio santo que é apenas uma fórma militante do amor.

RAUL POMPEIA.

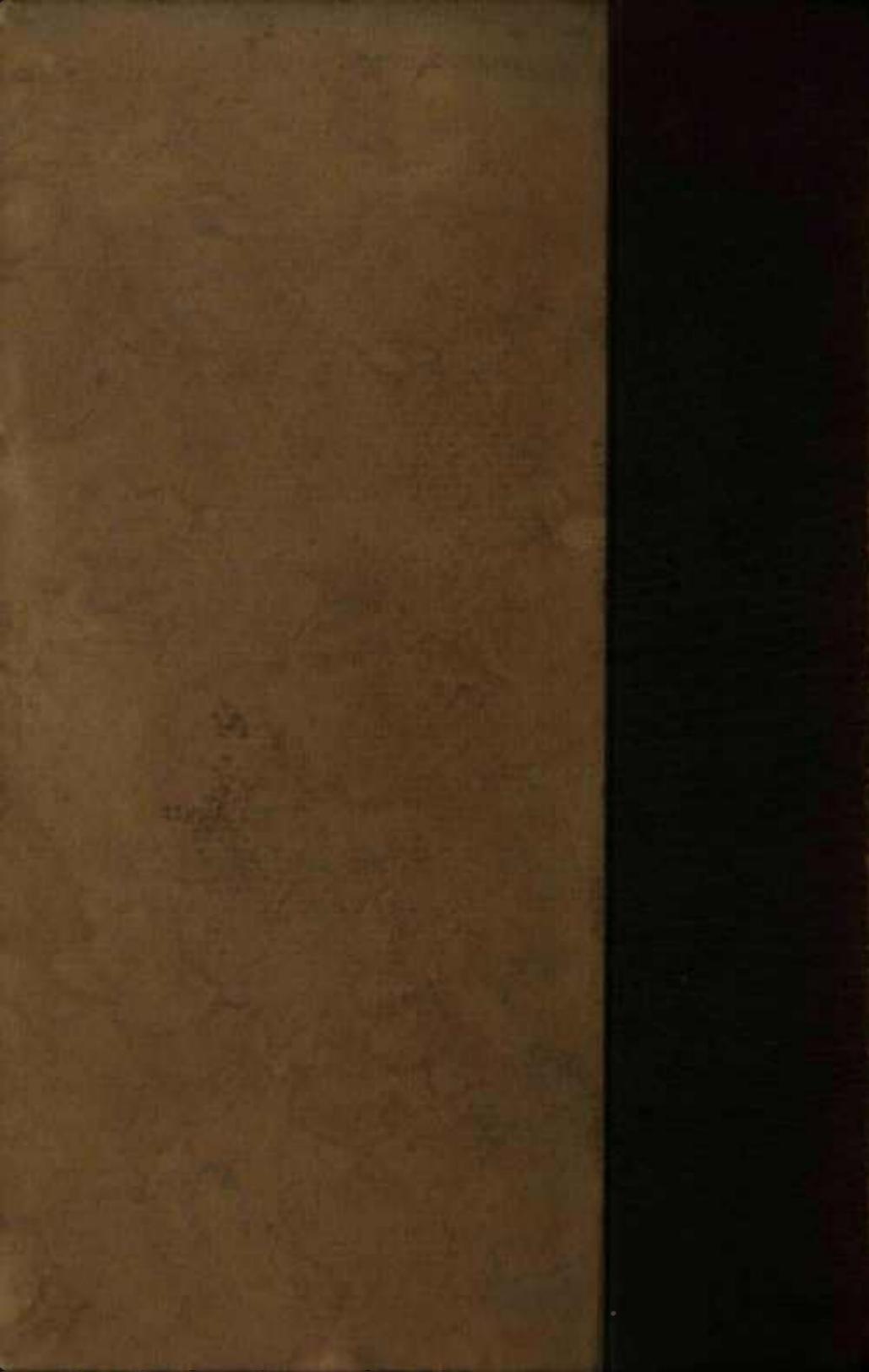
24 de Fevereiro de 1893.



TYP. DE G. LUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31

5
100

TYP. G. LEUZINGER & FILHOS — RIO DE JANEIRO



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).